

INFRAESTRUTURAS EM INVOLUÇÃO DA ASPIRAÇÃO: MIGRAÇÃO EDUCATIVA CHINESA E A PROCURA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR DE ELITE NO REINO UNIDO

Andrea Szinay-Kis

Department of Social Anthropology, University of Sussex, Sussex, Reino Unido

RESUMO

Este artigo analisa de que forma a infraestrutura de migração educativa chinesa, constituída por políticas estatais, intermediários comerciais, plataformas de redes sociais e escolas internacionais, sustenta a aspiração, produzindo simultaneamente involução social e infraestrutural (内卷 *neijuan*), um conceito amplamente utilizado para descrever o esgotamento resultante da intensificação da concorrência e da consequente diminuição dos retornos. De que forma é que as formas sociais e infraestruturais de involução interagem como processos mutuamente constitutivos que intensificam a concorrência, o investimento emocional e o esgotamento no âmbito das estratégias de migração educativa? Com base numa etnografia longitudinal e multissituada com famílias, crianças e educadores na China continental e no Reino Unido (2021–2023), argumenta-se que a infraestrutura de migração educativa entre a China e o Reino Unido entrou em processo de involução: embora continue a operar através da intensificação do esforço, da expansão de sistemas intermediários e do aumento do investimento emocional, a sua promessa de distinção, segurança e mobilidade ascendente tem enfraquecido. Anteriormente vista como uma via exclusiva para a vantagem global, a migração educativa tornou-se saturada devido ao excesso de capacidade, à volatilidade das políticas, ao declínio demográfico, à intensificação da concorrência proveniente das escolas internacionais chinesas e a formas mais amplas de involução social. A involução social e a infraestrutural são processos mutuamente constitutivos: a saturação infraestrutural intensifica a concorrência social, enquanto a involução social, por sua vez, sustenta e expande as infraestruturas através das quais essa concorrência é organizada.

PALAVRAS-CHAVE

migração educativa, involução infraestrutural, involução social
(*neijuan*), China, internato de elite no Reino Unido

INVOLUTING INFRASTRUCTURES OF ASPIRATION: CHINESE EDUCATION-MIGRATION AND THE PURSUIT OF ELITE SCHOOLING IN THE UNITED KINGDOM

ABSTRACT

This article examines how China's education-migration infrastructure, comprising State policies, commercial intermediaries, social media platforms, and international schools, sustains aspiration while simultaneously producing social and infrastructural involution (内卷, *neijuan*), a term widely used to describe the exhaustion generated by intensifying competition and diminishing returns. How do social and infrastructural forms of involution interact as mutually constitutive

processes that intensify competition, emotional investment, and exhaustion within education-migration strategies? Drawing on longitudinal, multi-sited ethnography with families, children, and educators in mainland China and the United Kingdom (2021–2023), I argue that the China–United Kingdom education-migration infrastructure has become increasingly involuted: although it continues to operate through intensified effort, expanding intermediary systems, and growing emotional investment, its promise of distinction, security, and upward mobility has weakened. Once viewed as an exclusive route to global advantage, education migration has become saturated due to overcapacity, policy volatility, demographic decline, intensifying competition from Chinese international schools, and broader forms of social involution. Social and infrastructural involution are mutually constitutive processes: infrastructural saturation intensifies social competition, while social involution further sustains and expands the infrastructures through which competition is organised.

KEYWORDS

education-migration, infrastructural involution, social involution
(*neijuan*), China, elite boarding in the United Kingdom

1. INTRODUÇÃO

Este artigo analisa de que forma o percurso de migração educativa entre a China e o Reino Unido se constitui como uma infraestrutura de aspiração em processo de involução, na qual a involução emerge não apenas como uma condição social de intensificação da concorrência e de diminuição dos retornos, mas também como um efeito infraestrutural produzido pela saturação de percursos de migração educativa mediados por múltiplos intermediários. A involução social e a infraestrutural são processos mutuamente constitutivos: a saturação infraestrutural intensifica a concorrência social, enquanto a involução social, por sua vez, sustenta e expande as infraestruturas através das quais essa concorrência é organizada. Embora esta infraestrutura não tenha desaparecido, a sua expansão e o seu dinamismo abrandaram, passando a operar através de um esforço intensificado, de sistemas de intermediação cada vez mais complexos e de um crescente investimento emocional, ainda que a sua promessa de distinção, segurança e mobilidade social ascendente tenha vindo a enfraquecer.

O outrora um percurso relativamente exclusivo, procurado por elites económicas, a migração educativa tornou-se uma estratégia normalizada das classes médias e médias-altas, o que reduziu a sua capacidade de produzir diferenciação social, ao mesmo tempo que intensificou a concorrência pelos mesmos resultados educativos e profissionais. Ainda assim, as famílias não abandonaram simplesmente este percurso: ele permanece profundamente enraizado em lógicas neofamilistas, responsabilidade parental, centralidade da criança e obrigações intergeracionais. As tensões atuais em torno da migração educativa são, por isso, não apenas económicas ou logísticas, mas também afetivas: pais e filhos interrogam-se sobre se a escolarização precoce no estrangeiro ainda pode proporcionar a “boa vida” outrora prometida, sobretudo num contexto de desgaste emocional, separação familiar e crescentes preocupações com o bem-estar e a saúde mental. Paralelamente, a própria aspiração não desaparece, mas é reconfigurada através de novas formas e infraestruturas, incluindo tutoria assistida por inteligência artificial, escolas

internacionais chinesas, polos regionais de educação na Ásia e políticas estatais como a “redução dupla”. Estes desenvolvimentos não assinalam o fim da mobilidade orientada pela aspiração, mas sim a sua transformação em formas novas e progressivamente mais interiorizadas de trabalho educativo e emocional.

“Não sei se algum dia vou casar ou ter filhos” (Christy, comunicação pessoal, 10 de setembro, 2023). Christy é uma participante de 24 anos que a autora conheceu pela primeira vez em Xangai há 12 anos, e que atualmente vive em Londres, onde frequenta um mestrado em educação. Num dia de outono de 2023, a entrevistada e a autora encontram-se num café japonês de panquecas no Soho, onde tem lugar o seu encontro informal anual. A entrevistada é orientada para a carreira e vive sozinha numa zona abastada de Londres, enquanto os pais se deslocam entre o Reino Unido e a sua residência habitual em Xangai.

É demasiado caro ter um filho agora (...), e, além disso, não tenho nenhuma experiência em relações amorosas. Sei estudar. E agora tenho de concluir o meu programa de mestrado, e depois encontrar um emprego estável e de que goste. Quero trabalhar em Inglaterra e apoiar a saúde mental dos adolescentes. (Christy, comunicação pessoal, 10 de setembro, 2023)

Enquanto fala, a entrevistada explica que enfrenta dificuldades com esta nova escolha profissional, tão distante da sua formação inicial em ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). “Os meus pais estão muito preocupados por eu não ter um salário elevado e por o meu futuro ser instável. Mas penso que, por mais difícil que seja, quero tentar na mesma. E, ainda que a contragosto, eles apoiam-me” (Christy, comunicação pessoal, 10 de setembro, 2023).

Christy foi uma das primeiras estudantes da autora em Xangai, no início da década de 2010, quando esta trabalhava como tutora privada e estabelecia relações próximas com famílias que mais tarde se tornaram participantes da sua investigação de doutoramento. Muitas destas famílias deixaram, entretanto, a China, fixando-se temporária ou permanentemente em Inglaterra, ou deslocando-se entre ambos os contextos, e encontramos agora regularmente no Reino Unido. Christy pertence à primeira geração de estudantes autofinanciados no estrangeiro provenientes da China continental (Lindon-Morris, 2024), que viajaram para Inglaterra sem os pais e cuja mobilidade foi possibilitada por uma sofisticada infraestrutura global de migração, definida como: “as tecnologias, instituições e atores sistematicamente interligados que facilitam e condicionam a mobilidade” (Xiang & Lindquist, 2014, p. 5124). Proveniente de um contexto urbano chinês, os seus pais puderam financiar o ensino internacional através do programa Early Study Abroad (Estudo no Estrangeiro em Idade Precoce), descrito por Kang e Abelman (2011, como citado em Fei, 2024) como o “êxodo educativo de estudantes pré-universitários” (p. 194). Em vez de resolver a ansiedade educativa, o percurso para o Reino Unido frequentemente reformula-a. As intensas pressões associadas ao sistema do *Gaokao* (高考, Exame Nacional de Acesso ao Ensino Superior) foram substituídas por ansiedades mais difusas relacionadas com a empregabilidade, o bem-estar emocional, a construção da identidade e a capacidade de converter credenciais educativas de elite em futuros estáveis. Aquilo que as famílias

procuravam como fuga à involução acabou por se tornar, cada vez mais, um novo espaço de reprodução transnacional da incerteza e da pressão.

Para além da procura de credenciais educativas globalmente convertíveis e de estatuto de elite, os pais perspetivavam amplamente o percurso educativo no Reino Unido como uma forma de proporcionar às crianças uma infância mais feliz e equilibrada, afastada das intensas pressões do sistema chinês orientado para os exames. Para muitas famílias, a educação no estrangeiro representava não apenas uma estratégia de reprodução de classe, mas também uma tentativa de proteger os filhos do esgotamento emocional associado ao sistema de exames de acesso ao ensino superior *Gaokao*, amplamente conhecido por submeter os estudantes a uma pressão académica intensa desde o jardim de infância até ao ensino secundário (Jia et al., 2025). Em Xangai, Christy frequentou uma escola internacional. Recebeu apoio regular de uma consultora privada de educação, que auxiliava na colocação em escolas no Reino Unido, nos processos de visto e na preparação para exames de acesso a internatos e avaliações de estilo britânico, incluindo o Independent Schools Examinations Board (Comissão de Exames das Escolas Independentes), o General Certificate of Secondary Education (Certificado Geral de Ensino Secundário) e Advanced Level (Exame de Nível Avançado). As várias centenas de estudantes, bem como as 25–30 famílias com quem a autora teve contacto desde 2010 e que seguiram este percurso, consideraram os serviços destas empresas privadas essenciais para navegar no processo educativo e migratório, minimizando obstáculos ao longo da trajetória de migração educativa.

Tendo chegado a Inglaterra aos 11 anos, Christy ingressou num internato de prestígio no norte do país e, mais tarde, concluiu uma licenciatura em Engenharia numa universidade de topo em Londres. Contudo, esse nunca foi o seu sonho. Com vista a melhores perspetivas de carreira, os pais incentivaram-na a escolher uma área STEM, enquanto o seu interesse sempre esteve nas artes e na educação de jovens. Agora que concluiu a sua licenciatura em Ciências, foi finalmente autorizada a escolher o seu próprio percurso académico, mantendo, ainda assim, o apoio financeiro e emocional dos pais. Apesar de vir de uma família abastada, sente ansiedade relativamente ao futuro e à possibilidade de encontrar um emprego simultaneamente financeira e criativamente gratificante.

Entre 2010 e 2015, a infraestrutura global de migração educativa que ligava famílias chinesas abastadas a instituições de excelência, sobretudo em países de língua inglesa, expandiu-se rapidamente. O número de alunos do ensino básico e secundário provenientes da China continental para o Reino Unido registou “2.893 novas matrículas em 2014/15 — mais 800 do que no ano anterior. Esta é a primeira vez que a China ultrapassa Hong Kong como principal país de origem dos membros da ISC [Independent Schools Council; Conselho das Escolas Independentes], que representa cerca de 1.200 escolas privadas de ensino K–12 (ensino básico e secundário) em todo o Reino Unido” (Smith, 2015, para. 3). Esta infraestrutura facilitava todos os aspetos dos percursos educativos dos estudantes, incluindo testes, apoio em matéria de vistos, colocação em famílias de acolhimento, seleção de escolas e mediação entre as administrações escolares em Inglaterra e os pais em Xangai (Boarding Schools’ Association, 2021; Wei, 2011). Este período coincidiu com a chegada da autora a Xangai, quando, enquanto tutora privada numa empresa de consultoria educativa, esta começou a ouvir mais frequentemente pais a planear percursos

semelhantes para os seus filhos, preparando-os para a saída para internatos em Inglaterra logo aos 11 anos. Muitos dos colegas de Christy, estudantes no estrangeiro e provenientes da China continental, falavam inglês sem sotaque estrangeiro e frequentavam internatos privados de prestígio nos arredores de Xangai, podendo ser descritos como “internacionais de nascença”, tendo seguido um currículo de estilo britânico desde o jardim de infância.

Contudo, ao longo da última década, na sequência da expansão contínua deste setor e da crescente disposição das famílias para investir na “educação concertada” dos filhos (Lareau, 2003/2011) e para os deslocar para o Reino Unido para fins educativos, o número de candidaturas começou a oscilar (Smith, 2025), gerando crescente ansiedade entre prestadores de serviços educativos, pais e estudantes. Uma das razões é o declínio do número de estudantes, associado à queda acentuada da taxa de natalidade na China. Como escreve o demógrafo Chen (2023), a “recente e rápida diminuição da fertilidade é impulsionada pelo adiamento do casamento, pela forte redução da fertilidade nos grupos com menor escolaridade e por um aumento da proporção de mulheres jovens no ensino superior” (p. 497).

Existem ainda outras razões complexas para a diminuição do número de estudantes em programas de estudo no estrangeiro em idade precoce no Reino Unido. Em geral, as candidaturas a internatos privados britânicos têm diminuído, especialmente desde as fases iniciais da pandemia de COVID-19 em 2019–2020. As mudanças nas estratégias e perceções da migração educativa durante este período refletem um conjunto complexo de fatores subjacentes. Embora a procura de educação internacional, tanto na China como no estrangeiro, tenha passado a constituir uma estratégia familiar quase automática de gestão das ansiedades ligadas à reprodução de classe, o estudo no estrangeiro, mesmo em percursos de elite, não elimina necessariamente a pressão educativa. Pelo contrário, estes percursos geram novas formas de incerteza e de tensão emocional, revelando que o privilégio educativo não garante, por si só, segurança ou bem-estar.

Este desenvolvimento insere-se numa tendência mais ampla de involução infraestrutural, que Xiang e Lindquist (2014) descrevem como “a interação entre diferentes dimensões da infraestrutura migratória [que] a torna autossustentada e autorreferencial, dificultando, em vez de facilitar, a capacidade migratória das pessoas” (p. S122). À medida que o termo *neijuan* (内卷, enrolamento ou contração para dentro, involução) entrou no discurso popular por volta de 2020, passou a fornecer um vocabulário para diagnosticar o esgotamento e reconhecer que um esforço crescente produz retornos decrescentes. Rapidamente apropriado em fóruns online e debates académicos, o conceito tornou-se central para compreender como os pais interpretam a competição educativa global.

Como sugere a história de Christy, os pais enfrentam incertezas quanto ao futuro, e a migração educativa já não funciona como a solução fiável que anteriormente se supunha. Os jovens vivem um processo contraditório de individualização, afirmando as suas próprias aspirações futuras, em paralelo com expectativas persistentes de obediência filial enraizadas em gerações anteriores. Estas tensões tornam-se visíveis quando os filhos não seguem as orientações parentais, como na decisão de Christy de não seguir uma carreira em STEM ou de não se conformar com as trajetórias de vida projetadas pelos pais, como o casamento precoce e a parentalidade. Em vez disso, os jovens seguem

percursos académicos e profissionais que, até há poucos anos, os pais não considerariam seguros ou rentáveis.

Estas respostas sinalizam simultaneamente resistência e resignação perante sistemas educativos e migratórios moldados pela dinâmica da involução. Embora a literatura existente e o discurso público frequentemente utilizem *neijuan* como sinónimo de hipercompetição conduzindo ao esgotamento, centrando-se tipicamente em estudantes das classes médias e na saturação do mercado, esta investigação etnográfica sugere que essas dinâmicas são igualmente relevantes entre famílias de elite e de classes médias-altas. O privilégio financeiro e social, neste sentido, não protege as famílias das pressões sistémicas. Recorrendo ao conceito de “infraestrutura migratória” (Xiang & Lindquist, 2014), argumenta-se que a atual crise no sistema de migração educativa China–Reino Unido se está a tornar sobretudo afetiva, mais do que material. O que se encontra em erosão não é apenas a viabilidade económica ou logística da escolarização transnacional, mas os fundamentos emocionais que sustentavam a convicção no seu potencial transformador. As estratégias contemporâneas de migração excedem, assim, uma lógica bourdieusiana de acumulação de capital, visto que as famílias passam a privilegiar formas de valor centradas no bem-estar, na saúde mental e na harmonia familiar, frequentemente em tensão com narrativas políticas focadas na acessibilidade económica, nos mercados de trabalho e nos *rankings* institucionais.

Este artigo contribui para os debates antropológicos sobre esgotamento social e infraestrutural ao argumentar que as infraestruturas de aspiração tendem, em última instância, a neutralizar-se: à medida que a participação se generaliza, a distinção e o prestígio que prometem começam a dissolver-se. Ao situar as experiências de famílias chinesas em debates mais amplos sobre reprodução de classe, aspiração, condição moral da pessoa e constrangimento estrutural, o artigo contribui para o campo da antropologia e dos estudos sobre a China, explorando por que razão a involução se tornou uma linguagem conceptual e afetiva tão relevante para compreender a vida contemporânea. Contribui ainda para a conceptualização de “involução” ao articular involução infraestrutural e social como categorias analíticas enraizadas na prática quotidiana, demonstrando que a involução ultrapassa entendimentos restritos de hipercompetição e esgotamento e não pode ser reduzida exclusivamente aos efeitos da reestruturação neoliberal da educação e dos mercados de trabalho.

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA

O artigo baseia-se numa investigação etnográfica longitudinal realizada entre 2020 e 2023 junto de consultores educativos, professores e famílias abastadas em Xangai (quatro famílias cujas trajetórias migratórias são acompanhadas de forma próxima desde 2010 e cerca de 25 outras com as quais se estabeleceram contactos através da atividade da autora como tutora privada e que posteriormente aceitaram participar na sua investigação de doutoramento). O contacto inicial com os interlocutores foi estabelecido durante a permanência na China entre 2010 e 2019, tendo-se posteriormente desenvolvido trabalho de campo no âmbito do doutoramento em Inglaterra e através de meios digitais. Para

além da observação participante regular em escolas internacionais e do convívio informal com pais e filhos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, foram acompanhados grupos de discussão online de pais, e analisados conteúdos públicos em plataformas de redes sociais chinesas (WeChat, Red Note e Sina Weibo) e em plataformas em língua inglesa (LinkedIn e South China Morning Post). Foi igualmente acompanhada a cobertura mediática em língua chinesa e inglesa sobre estilos parentais contemporâneos e educação internacional, temas atualmente amplamente debatidos na China.

3. A GENEALOGIA DO TERMO “INVOLUÇÃO”

3.1. AS PRIMEIRAS FORMULAÇÕES DO TERMO “INVOLUÇÃO”

Nas humanidades e nas ciências sociais, diversos autores (Des Forges, 2022; Liang, 2024) associam o termo “involução” ao antropólogo e teórico cultural norte-americano Goldenweiser (1936), que o utilizou para descrever um processo de elaboração interna sem alteração estrutural, no qual padrões culturais se tornam progressivamente mais complexos, permanecendo, contudo, confinados a um enquadramento existente. Posteriormente, Geertz (1963) recuperou o conceito na sua análise da cultura de cultivo de arroz em meio húmido em Java, definindo a “involução agrícola” como a intensificação do trabalho e da complexidade social na ausência de transformação tecnológica ou institucional, ou seja, descrevendo contextos em que ocorre um aumento de esforço sem correspondente aumento de produção, formulação atualmente mobilizada na China para designar mais esforço sem aumento de resultados.

3.2. “INVOLUÇÃO” NO CONTEXTO CHINÊS E NA ANTROPOLOGIA

Embora o termo “involução” seja amplamente utilizado no discurso público e académico, a sua utilização tem sido frequentemente acompanhada de reflexão crítica limitada. Nos média, na linguagem quotidiana e nos debates académicos, a involução funciona frequentemente como uma forma abreviada de designar esgotamento e dinâmicas de hipercompetição. Vários antropólogos têm criticado esta formulação contemporânea pela sua expansão conceptual excessiva e pelos seus efeitos de despolitização. Originalmente concebido como uma descrição estrutural historicamente situada, o conceito foi apropriado no discurso popular e político para descrever experiências individuais de exaustão, deslocando a atenção de questões relativas ao desenho institucional, à governação e à economia política. No contexto chinês, *neijuan* funciona menos como conceito explicativo e mais como um registo discursivo moralizado de sofrimento, que articula ansiedade e, simultaneamente, aponta para problemas sistémicos no interior de uma corrida educativa acelerada.

Nos últimos anos, o termo “involução” tornou-se um dos principais registos discursivos da China contemporânea para expressar experiências de pressão, estagnação e intensificação da concorrência. Outrora um conceito antropológico especializado, *neijuan* entrou na linguagem quotidiana e no debate público, sobretudo a partir de cerca de 2020,

quando passou a circular amplamente nas redes sociais, no discurso educativo e nas discussões sobre trabalho e mobilidade social na China pós-reformas. À medida que circulou através de interações digitais e do uso vernacular, o seu significado foi-se afastando significativamente das suas formulações analíticas iniciais. Como observa Lin (2023), as formulações académicas contemporâneas, e ocasionalmente também indevidas, do conceito de “involução” recorrem a esta matriz vernacular, aplicando-o a diferentes contextos geográficos e culturais de formas que obscurecem a sua genealogia conceptual. Mais do que uma categoria analítica estável, *neijuan* tornou-se um registo discursivo fluido e em transformação, que expressa experiências afetivas de competição intensificada e retornos decrescentes. O termo foi amplamente apropriado por estudantes, pais, trabalhadores migrantes e trabalhadores de colarinho branco para expressar a sensação de “fazer mais por menos”, associada à diminuição dos retornos num contexto de abrandamento económico e aumento das ansiedades de classe. Além disso, a involução no contexto chinês adquire relevância particular devido às transformações económicas e sociais ocorridas desde as reformas de abertura de Deng Xiaoping (开放, *kaifang*), no final da década de 1970, que conduziram a um desenvolvimento acelerado da economia e da tecnologia, seguido de um abrandamento progressivo na década de 2020.

Embora o significado literal de *neijuan* remeta para um movimento de enrolamento ou contração para dentro, o seu significado social é frequentemente veiculado através de metáforas. Lin (2023), por exemplo, compara os usos populares da involução à obra *Through the Looking-Glass* (Alice do Outro Lado do Espelho) de Lewis Carroll, na qual a Rainha Vermelha explica que, num “país lento”, é necessário correr o mais rapidamente possível apenas para permanecer no mesmo lugar, e ainda mais depressa para avançar. Metáforas semelhantes circulam amplamente na cultura popular chinesa. A figura viral do “Tsinghua involution king” (Rei da Involução de Tsinghua; Wang & Wang, 2021), um estudante que realizava trabalhos académicos enquanto regressava a casa de bicicleta, tornou-se emblemática do esgotamento, da competição incessante e da perceção de inutilidade do esforço excessivo. A série televisiva sul-coreana *Sky Castle* (Castelo do Céu; Ji-Hyun, 2019), amplamente vista na China, também contribui para este debate, através da sua representação da competição educativa hiperintensa, sintetizada numa cena em que uma personagem compara a competição social a estar de pé numa sala de cinema: quando todos se levantam, ninguém vê melhor. Outras metáforas populares, ainda que mais sensacionalistas, como “Sisyphus on a peloton” (Sísifo numa bicicleta estática; Liu, 2021), combinam imagens clássicas de esforço interminável com símbolos contemporâneos de auto-otimização e desempenho.

No contexto chinês, vários investigadores utilizam o conceito de “involução” para analisar diferentes transformações sociais. Embora o uso popular do termo tenha emergido por volta de 2020, o conceito possui uma genealogia intelectual mais longa. O historiador Duara (1987) introduziu a noção de “involução do Estado” para descrever situações em que processos de construção estatal, em vez de reforçarem a capacidade do Estado, produzem relações disfuncionais entre Estado e sociedade. Neste processo, instituições modernas de governação são estabelecidas, mas acabam capturadas por intermediários administrativos, como elites locais ou burocratas, que as desviam para interesses próprios,

resultando num Estado aparentemente ativo, mas funcionalmente frágil. Esta formulação desloca a análise da fragilidade estatal de explicações culturais ou institucionais para dinâmicas de governação, mostrando como a implementação da administração moderna pode reforçar poderes sociais existentes. Com base em exemplos da China e da Índia, em particular do Norte rural da China, Duara (1987) demonstra como esta dinâmica se desenvolve em diferentes contextos históricos e sociais.

O sociólogo Huang (2021) expandiu o conceito na sua análise da economia rural chinesa, descrevendo uma condição em que o aumento do trabalho coexiste com retornos individuais decrescentes. Neste sentido, a involução designa um padrão de “crescimento sem desenvolvimento”, no qual o aumento do esforço não se traduz em melhoria dos resultados (Dong et al., 2025; Huang, 2021). Embora nem todos os autores utilizem explicitamente o termo “involução”, um vasto corpo de literatura tem analisado dinâmicas próximas, relevantes para a China contemporânea. Estudos anteriores ajudam a enquadrar este cenário afetivo mais amplo, centrando-se em questões de aspiração e na crescente ligação entre realização e exaustão (Bayly, 2013; Berlant, 2011; Rosa & Henning, 2017), o que se articula com o contexto chinês de autoaperfeiçoamento, obrigação moral e responsabilidade familiar como dimensões centrais da experiência vivida da transformação pós-socialista (Anagnost, 2008; Fong, 2011; Sun & Yu, 2022; Yan, 2018, 2009/2020, 2021). Considerados em conjunto, estes estudos sugerem que a atual popularidade da involução está profundamente enraizada em processos socioculturais de longa duração, não constituindo um fenómeno discursivo exclusivamente recente.

Ao expandir a noção de involução infraestrutural, há aqui um ligeiro afastamento face à conceptualização de Xiang e Lindquist (2014) da infraestrutura migratória como sistema autossustentado e autorreferencial. No contexto da migração educativa entre a China e o Reino Unido, o aumento de custos, a expansão de sistemas de intermediação e a intensificação do investimento parental deixam de gerar necessariamente crescimento sustentado da mobilidade estudantil. Em vez de se centrar apenas na expansão institucional, a noção de involução infraestrutural permite descrever a saturação, a desaceleração dinâmica e o esgotamento afetivo emergentes no setor que sustenta a migração de estudantes chineses para internatos privados no Reino Unido, articulando estes processos com experiências quotidianas, trabalho emocional e transformações socioculturais mais abrangentes.

Embora Yan não conceptualize explicitamente a involução como categoria central, o seu trabalho fornece uma das bases antropológicas mais sólidas para compreender por que razão este conceito se tornou tão significativo na China contemporânea. As suas análises (Yan, 2009/2020, 2021, 2023) sobre crise moral, individualismo emergente e complexificação da condição da pessoa são particularmente relevantes, ao iluminar os tipos de pressões sociais que o termo *neijuan* passou a designar. O seu trabalho sobre a condição moral da pessoa evidencia como a responsabilidade parental e a obrigação moral se intensificaram no contexto da individualização pós-socialista, enquanto as aspirações se tornaram progressivamente dependentes de trabalho intensificado, sofrimento emocional e promessas diferidas de segurança futura. Estas dinâmicas articulam-se diretamente com a compreensão contemporânea de *neijuan* na China.

A circulação do termo “involução” em plataformas como WeChat, Weibo, Douyin e Red Note, bem como em meios de comunicação em língua inglesa como a Sixth Tone e o

South China Morning Post, reflete uma preocupação pública mais ampla com o esgotamento afetivo, mais do que apenas com a privação material. No discurso popular, a involução descreve formas de competição excessiva e autodestrutiva, seja em regimes de trabalho 996 (9–21h, seis dias por semana; Bao, 2022), na intensificação educativa ou em guerras de preços nos setores tecnológico e de consumo, que podem gerar ganhos de curto prazo, mas corroem o bem-estar, o investimento e a confiança social a longo prazo. Como demonstram os dados etnográficos, essas ansiedades não se restringem a grupos economicamente vulneráveis. Manifestam-se também em famílias ricas e de classe média-alta para as quais o investimento financeiro em educação internacional de elite é viável, porém é percebido como emocionalmente dispendioso e moralmente duvidoso, e não como um caminho seguro para o futuro.

4. INFRAESTRUTURAS INVOLUTIVAS DA ASPIRAÇÃO

As formas sociais e infraestruturais de involução interagem e reforçam-se mutuamente no âmbito da migração educativa entre a China e o Reino Unido. Identificam-se seis dinâmicas interligadas que ilustram este processo: (a) a passagem da escassez à saturação, visto que a educação internacional passou de uma exceção de elite a uma estratégia normalizada das classes médias, com uma capacidade decrescente de produzir distinção; (b) a diminuição demográfica e o neofamilismo, que ajudam a explicar a persistente aposta das famílias na migração educativa apesar das crescentes dúvidas quanto ao seu valor; (c) a emergência de alternativas educativas regionais, que evidencia a perda da centralidade inevitável do Reino Unido como destino dominante de educação de elite; (d) as tecnologias de aprendizagem digital, que mostram como a aspiração é reconfigurada em vez de abandonada; (e) as crescentes preocupações com o bem-estar e a saúde mental; e (f) as políticas do Estado chinês, como a política de “redução dupla”, que revelam um aumento do esgotamento afetivo e as tentativas estatais de gerir as consequências sociais da involução. Em conjunto, estas dinâmicas demonstram que a aspiração educativa persiste através da intensificação da concorrência, do investimento emocional e da saturação infraestrutural.

4.1. DA ESCASSEZ À SATURAÇÃO

A trajetória de migração educativa entre a China e o Reino Unido foi, em tempos, um percurso raro e prestigiado de mobilidade global. No início dos anos 2000, estudar no estrangeiro, particularmente em colégios internos britânicos e em escolas secundárias de elite, era acessível apenas a famílias muito abastadas, com os recursos económicos, culturais e sociais necessários para navegar sistemas de admissão em constante transformação. Para estas famílias, a escolarização no estrangeiro simbolizava a procura de estatuto global de elite e expressava uma orientação cosmopolita distintiva na China pós-reformas. As crianças enviadas para o Reino Unido constituíam um grupo reduzido e socialmente diferenciado, cuja mobilidade representava uma intervenção estratégica nos esforços familiares de garantir vantagem futura num contexto de crescente estratificação social.

Contudo, com a rápida expansão da indústria da migração educativa, incluindo consultorias, agências, redes de tutela e tutoria privada, e com o crescimento da classe média na China pós-reformas, o número de candidaturas provenientes da China continental registou um aumento exponencial a partir do início dos anos 2000, tornando a China “a maior origem global de estudantes transnacionais” (Hansen & Thøgersen, 2015, p. 3). Em 2000, cerca de 40.000 estudantes chineses estudavam no estrangeiro, número que aumentou para 180.000 em 2008 e 460.000 em 2014, enquanto a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura estima que mais de 700.000 estudantes chineses estavam inscritos no ensino superior no estrangeiro em 2012 (Hansen & Thøgersen, 2015). O que antes constituía um percurso relativamente exclusivo de mobilidade global tornou-se progressivamente normalizado entre famílias de classe média e média-alta. Em consequência, a infraestrutura de migração educativa tornou-se cada vez mais saturada, enquanto o valor simbólico e prático da educação internacional de elite começou a enfraquecer. À medida que estratégias de classe média e de elite convergiam, alcançar o topo da hierarquia educativa passou a exigir níveis cada vez mais elevados de investimento, coordenação e trabalho emocional, com um número crescente de famílias a competir pelos mesmos resultados educativos e profissionais.

Um ecossistema global densamente articulado de consultorias educativas, empresas de tutela e redes de recrutamento de escolas britânicas coordena e operacionaliza aquilo que anteriormente constituía um nicho de elite. Em grandes cidades chinesas como Xangai, Pequim, Hangzhou, Shenzhen ou Chengdu, surgiram indústrias inteiras: agências de educação oferecem agora serviços de apoio à candidatura, oficinas de redação de cartas de motivação, cursos de pensamento crítico, treino para entrevistas, concursos de ensaio do John Locke Institute (John Locke Institute, s.d) e competições STEM, que podem reforçar candidaturas universitárias, e ainda a participação no programa de desenvolvimento juvenil Duke of Edinburgh’s Award, todos especificamente orientados para candidaturas a escolas do Reino Unido. Paralelamente, as agências de tutela expandiram-se, oferecendo apoio de bem-estar 24 horas, colocação em famílias de acolhimento e mediação cultural. As escolas britânicas, por sua vez, mantêm equipas de admissão com falantes de mandarim e canais de recrutamento direcionados. O que antes era mediado por aconselhamento informal e redes pessoais passou a ser organizado através de um mercado sofisticado de serviços especializados.

Esta mudança gerou aquilo que se designa por “saturação infraestrutural”, conducente a processos de involução. Devido ao excesso de capacidade, uma infraestrutura que anteriormente produzia distinção através da escassez passou a gerar semelhança através da escala. Um número crescente de pais entrevistados refere que “todas as crianças vão para o estrangeiro” ou que “não há outra opção”. Estas afirmações revelam não confiança, mas um sentimento de conformidade compulsiva: a perceção de que sair deste percurso se tornou impossível, dado o elevado risco de ficar para trás. A saturação manifesta-se, assim, não apenas como expansão quantitativa, mas também como condição afetiva na qual a aspiração persiste, embora o significado e a capacidade de distinção sofram uma erosão progressiva. O resultado é um campo em que a distinção se dilui.

4.2. DEMOGRAFIA, DISTÂNCIA E O PESO MORAL DA “CRIANÇA PRECIOSA”

A literatura identifica a emergência da “criança preciosa” ou do “pequeno imperador” (Yan, 2021) como uma das principais consequências da política do filho único, caracterizada pela intensificação do investimento emocional, educativo e económico nas crianças (Fong, 2011; Yan, 2021). Em contexto de neofamilismo, a criança torna-se progressivamente o centro emocional e moral da vida familiar, concentrando as esperanças, as ansiedades, as aspirações e as expectativas de segurança futura da família num número cada vez mais reduzido de descendentes.

Embora o Estado chinês tenha posto formalmente termo à política do filho único em 2015 (Wang et al., 2016), introduzindo posteriormente medidas destinadas a incentivar o aumento da natalidade e famílias mais numerosas, a taxa de natalidade continuou a diminuir acentuadamente, atingindo mínimos históricos nos últimos anos (Fan, 2026). Apesar da transição da política do filho único para a política dos três filhos, a população chinesa continua a diminuir, tendo o número de nascimentos descido para 7,92 milhões em 2025, segundo dados do National Bureau of Statistics of China (Gabinete Nacional de Estatísticas da China; 2026).

Neste contexto, a migração educativa não se limita a deslocar crianças; reorganiza também a temporalidade do parentesco e a vida emocional das famílias. À medida que um número cada vez menor de crianças concentra as expectativas e os investimentos familiares, a separação prolongada provocada pela educação no estrangeiro torna-se mais difícil de justificar, tanto do ponto de vista emocional como moral. O conceito de “neofamilismo”, proposto por Yan (2023), revela-se particularmente útil para compreender estas transformações na família chinesa contemporânea, marcadas pela intensificação da centralidade da criança, da intimidade emocional, da responsabilidade parental e da procura da prosperidade familiar. Estas dinâmicas ajudam a explicar por que razão as famílias continuam fortemente empenhadas na educação no estrangeiro, mesmo à medida que se intensificam as dúvidas quanto ao seu valor.

4.3. REIMAGINAR O GLOBAL: A CHINA COMO UM “BOM LUGAR”

Na migração educativa contemporânea, a mobilidade é frequentemente concebida como um percurso para uma “boa vida”, mas o Reino Unido perde progressivamente o seu estatuto, tido como adquirido, enquanto destino mais desejável. À medida que as famílias reavaliam a migração educativa à luz das pressões anteriormente descritas, o imaginário do Reino Unido enfraquece gradualmente, acompanhando a emergência de alternativas regionais. Entre os participantes do estudo, o esbatimento do fascínio pela Grã-Bretanha não se explica apenas por constrangimentos estruturais, como o reforço das políticas migratórias, mas também por desapontamentos afetivos e culturais quotidianos que reconfiguram a aspiração (incluindo, de forma significativa, críticas recorrentes à alimentação e à qualidade de vida). Mais ainda, o declínio do imaginário britânico é acompanhado pela diversificação do que conta como “internacional”. As famílias projetam as suas ambições numa geografia regional de prestígio, na qual Singapura, o Japão, Hong Kong e outros centros intra-asiáticos emergem como novos pontos de articulação

da escolarização global. Em simultâneo, a crescente concentração de estudantes chineses em escolas seletivas britânicas é percebida como um fator de diluição da promessa de imersão cultural. Alguns pais argumentam que a composição étnica destas instituições já não reflete a sociedade britânica, enfraquecendo o valor simbólico de “ir para o estrangeiro” enquanto experiência transformadora de contacto com a diferença.

Esta mudança sinaliza uma reavaliação da aspiração, de uma mobilidade transcontinental para aquilo que poderia ser descrito como um espaço “global, mas próximo”: locais que oferecem ensino em língua inglesa, segurança e familiaridade cultural, sem os custos emocionais e os riscos associados à separação prolongada. O Reino Unido mantém o seu prestígio, mas deixa de ser visto como a via por defeito para a educação global de elite, à medida que as famílias passam de “sonhar com o Ocidente” para estratégias de curadoria da proximidade, da flexibilidade e do momento oportuno. Um fator central nesta reorientação é a rápida expansão das escolas internacionais chinesas que, como argumenta Probert (2024), se encontram ideológica e culturalmente alinhadas com valores chineses, mantendo simultaneamente credenciais internacionais. Estas instituições flexibilizam frequentemente as restrições residenciais baseadas no *hukou* (户口, sistema de registo de residência no interior da China continental), permitindo o acesso de estudantes de fora de Xangai a percursos educativos de elite orientados para o estrangeiro. À medida que a competição de mercado se intensifica, a permanência prolongada no Reino Unido torna-se menos atrativa e, para muitas famílias, desnecessária; em alternativa, a educação no estrangeiro é enquadrada como um investimento curto e estratégico, frequentemente limitado ao último ciclo do ensino secundário, enquanto preparação para o ensino superior. Neste contexto, discursos nacionalistas como a “anti-involução”, o patriotismo e formas de “cosmopolitismo nacionalista” articulam-se com agendas estatais, ao mesmo tempo que respondem a desejos parentais de estabilidade. A China é assim reinterpretada não como um lugar a abandonar, mas como um “bom lugar”: seguro, culturalmente familiar e, apesar da desaceleração económica, relativamente estável num cenário global incerto.

4.4. A DIGITALIZAÇÃO DA ASPIRAÇÃO

Outro fator central da involução infraestrutural e social é a rápida expansão do ensino digital, que reconfigura o setor do apoio educativo privado, o trabalho pedagógico e processos mais abrangentes de digitalização na China (Hu et al., 2025; Liu, 2026). À medida que o ensino e a explicação online se tornam parte integrante das práticas educativas quotidianas, estes dispositivos aceleram a aprendizagem ao disponibilizar apoio de forma contínua, 24 horas por dia, no espaço doméstico e, frequentemente, a um custo (emocional e financeiro) inferior ao da mobilidade educativa, tornando o acesso a formas de explicação de elite mais disseminado. Simultaneamente, este modelo “sempre disponível”, embora reduza a necessidade de deslocação, intensifica a produtividade educativa ao prolongar o tempo de estudo para além do que anteriormente era considerado lazer ou recuperação, diluindo as fronteiras entre tempo de trabalho e tempo de descanso. Assim, esta transformação digital desestabiliza modelos de negócio mais antigos no setor do apoio educativo, ao mesmo tempo que produz novas formas de *stress* e de preocupação com a saúde.

Os pais enfrentam, assim, um paradoxo: a eliminação de constrangimentos temporais — sem deslocações, sem limites horários e sem um término claro do processo de aprendizagem — transforma o apoio educativo e o estudo autónomo em práticas potencialmente ilimitadas, que se estendem às noites, fins de semana e ao tempo livre das crianças. Neste sentido, o ensino digital intensifica simultaneamente a involução infraestrutural e social. A crescente disponibilidade de apoio educativo de elite na China reduz a perceção da necessidade de escolarização prolongada no estrangeiro, levando algumas famílias a adiar a migração para fases educativas posteriores ou a substituí-la por programas de curta duração, como escolas de verão. Em simultâneo, a digitalização intensifica a involução social ao acelerar o ritmo da competição educativa: as crianças são levadas a permanecer continuamente envolvidas em práticas de auto-otimização e produtividade. Em vez de atenuar a pressão educativa, as tecnologias digitais deslocam e aprofundam a involução tanto nos sistemas educativos domésticos como nos transnacionais.

4.5. O BEM-ESTAR COMO NOVA FORMA DE DISTINÇÃO

Neste contexto de produção acelerada de credenciais, emerge uma tendência difundida: a psicologização da aspiração. Tal como Kuan (2015) demonstrou no seu trabalho sobre o amor, a incerteza e a parentalidade de classe média na China, a cultivação emocional torna-se cada vez mais central na forma como as famílias lidam com a pressão educativa e com futuros incertos. Como argumenta Kuan (2015), os pais não se limitam a nutrir emocionalmente as crianças, mas gerem a incerteza através de formas de cultivação emocional que passam, elas próprias, a integrar a responsabilidade parental. Este artigo aprofunda esse argumento, mostrando como a incerteza é também reproduzida ao nível infraestrutural através de sistemas educativos transnacionais cada vez mais saturados.

A psicologia e a saúde mental tornam-se, assim, novos idiomas de cuidado, com práticas de autocontrolo e avaliação moral, no interior de um panorama educativo cada vez mais competitivo na China. Os pais trocam frequentemente, em grupos de WeChat, conselhos sobre aconselhamento psicológico, oficinas de *mindfulness* (atenção plena), aplicações de terapia, estratégias de resiliência emocional, o Indicador de Tipos Myers-Briggs e técnicas de preparação física. Estas discussões não se limitam ao bem-estar clínico; constituem também conversas morais sobre o que significa ser um bom pai ou uma boa mãe, e uma boa pessoa, sob pressão. Em vez de compreenderem o *stress* educativo sobretudo como uma condição estrutural, pais e crianças interpretam-no através de uma linguagem de autorregulação, resiliência, ajustamento emocional e bem-estar psicológico. Neste contexto, o aconselhamento psicológico, o *mindfulness* e o treino físico funcionam como tecnologias de resistência, que ajudam as crianças a lidar com a pressão educativa sem se retirarem da competição. Como muitas crianças também referiram, a resposta à *neijuan* e ao *tangping* (躺平, ficar deitado, enquanto lógica de recusa passiva) não consiste necessariamente numa rejeição da competição, mas antes na cultivação de uma disciplina emocional no seu interior. Ainda assim, o bem-estar mental é igualmente enquadrado como um investimento de longo prazo na produtividade futura. Como afirmou uma mãe num grupo de pais de um colégio interno britânico:

costumávamos falar sobre qual seria o melhor explicador ou a melhor escola. Agora falamos sobre como evitar que as crianças colapsem. Por vezes, depois de todo o investimento, as crianças não apresentam resultados. Terminam a escola e não se esforçam para conseguir um emprego bem remunerado. Só querem fazer *tangping* (ficar deitados) e não fazer nada. (Linda [pseudónimo], comunicação pessoal, 9 de maio de 2023)

Ainda que a linguagem da saúde mental se tenha generalizado, muitas famílias continuam a ter dificuldade em discutir abertamente o sofrimento emocional nas relações familiares quotidianas. Na prática, famílias e estudantes oscilam entre o silêncio e a confissão, entre o estoicismo e a rutura. Para muitos pais, procurar terapia para um filho torna-se um sinal de responsabilidade moral — fazer o que é correto — ainda que isso entre em tensão com a insistência contínua na excelência académica e com o estigma social que ainda rodeia o apoio psicológico. A terapia torna-se, assim, mais um investimento na criança global: uma tecnologia de otimização revestida de cuidado.

Na atual economia moral da China, o bem-estar torna-se, ele próprio, uma nova forma de distinção. A infraestrutura da aspiração não desaparece; pelo contrário, a própria aspiração torna-se cada vez mais emocionalizada e orientada para o interior. Os pais que podem suportar financeiramente o acesso a aconselhamento psicológico (doméstico e internacional), retiros de *mindfulness* ou programas de terapia no estrangeiro demonstram não apenas capital económico, mas também uma forma de consciência moral. A atenção ao bem-estar emocional torna-se, assim, uma forma de capital cultural de elite, sinalizando sensibilidade cosmopolita e, como muitos pais descrevem, uma boa parentalidade: garantir que a criança não é apenas academicamente bem-sucedida, mas também emocionalmente saudável e feliz. A involução social gera, assim, novas infraestruturas terapêuticas e emocionais destinadas a gerir o esgotamento, mas essas infraestruturas aprofundam simultaneamente a própria involução ao transformarem o bem-estar num novo domínio de otimização, investimento e competição.

Neste sentido, a procura de bem-estar espelha a lógica da involução que pretende contrariar. A viragem terapêutica não elimina a competição; acrescenta-lhe uma nova camada. Os pais competem não apenas através das notas e das escolas, mas também pela sua capacidade de gerir a ansiedade com elegância. As redes de apoio no WeChat, a terapia, o *mindfulness* e os discursos de autocuidado procuram reencantar o esforço, tornando a gestão emocional significativa. No entanto, revelam também o paradoxo do sistema: a procura de paz reproduz as próprias lógicas de desempenho que pretende ultrapassar.

Por fim, esta psicologização reflete o cansaço parental face à migração educativa de longa duração, especialmente para o Reino Unido, ainda antes do ensino superior. Cresce a tendência para questionar se o envio precoce de crianças para o estrangeiro produz de facto o crescimento pessoal e a felicidade prometidos. Alguns pais expressam arrependimento relativamente ao internato precoce, defendendo antes que a educação no estrangeiro deveria iniciar-se mais tarde, apenas no último ciclo do ensino secundário, aos 16 anos: “basta prepararem-se para entrar numa boa universidade. Não há necessidade de separar a família tão cedo” (Sarah, comunicação pessoal, 20 de junho de 2022). Estas afirmações

apontam para o esgotamento moral no centro da mobilidade de elite. A migração mantém-se materialmente possível, mas emocionalmente fragilizada: sustentada menos pela convicção do que pelo hábito, pelos custos já investidos e pelo receio de ficar para trás.

4.6. A “REDUÇÃO DUPLA” COMO POLÍTICA ANTI-INVOLUÇÃO

Esta viragem para o bem-estar ocorre também no setor educativo na China, onde o Estado chinês introduziu medidas destinadas a garantir o bem-estar das crianças. O discurso mediático e político recente enquadra a política de “redução dupla” (双减, *shuangjian*) como uma resposta institucional central à *neijuan* no setor educativo. Introduzida em 2021, esta política visa reduzir o que os decisores políticos descrevem como uma carga académica excessiva, através da limitação dos trabalhos de casa e da forte restrição da indústria de explicações privadas, particularmente nas disciplinas nucleares do currículo. Formalmente apresentada como um esforço para promover a equidade educativa e o desenvolvimento saudável das crianças (Xue & Li, 2023), esta política reflete preocupações estatais mais abrangentes com o declínio demográfico, a queda da natalidade e a sustentabilidade de longo prazo da formação de capital humano em contexto de hipercompetição.

Ao nível das políticas públicas, a “redução dupla” procura interromper um ciclo crescente no qual o investimento parental cada vez maior produz retornos educativos decrescentes. Ao regular o ensino extracurricular, limitar a avaliação escolar e promover uma educação orientada para a qualidade (素质教育, *suzhi jiaoyu*), a política procura reequilibrar as expectativas familiares em torno do desempenho e do sucesso. Os discursos oficiais sublinham a redução da pressão, a melhoria da saúde mental e a formação de crianças mais equilibradas através da educação física, das artes e de disciplinas criativas, alinhando-se com uma visão de “educação feliz” enquanto antídoto à competição centrada nos exames.

Todavia, a investigação académica e os relatos etnográficos sugerem que a “redução dupla” não eliminou as pressões competitivas, tendo antes contribuído para as deslocar e reconfigurar (Zhang, 2023). Para muitos pais e crianças, as restrições ao ensino suplementar intensificaram as ansiedades em torno da diferenciação, levando a novos investimentos em formas alternativas de vantagem, incluindo currículos internacionais, escolarização no estrangeiro e credenciais extracurriculares. Em vez de resolver a involução, a política tornou as suas dinâmicas mais complexas, deslocando a competição para domínios menos regulados e reforçando a perceção de que o sucesso educativo permanece simultaneamente indispensável e cada vez mais inalcançável nos sistemas domésticos. Acresce que ferramentas digitais (explicações online e aplicações de autoaprendizagem) permitem às famílias contornar as políticas estatais, incluindo as reformas da “redução dupla” de 2021.

Estas tensões são particularmente visíveis entre famílias já orientadas para percursos de educação transnacional. Os pais descrevem frequentemente a política de “redução dupla” como simbolicamente apelativa, mas praticamente insuficiente, observando que, embora a pressão académica explícita seja desencorajada, as expectativas de excelência persistem, ainda que de forma mais indireta e silenciosa. Como referiu uma mãe em conversa: “recebemos bem a política, porque as crianças deveriam agora descansar mais. Mas, na prática, todos continuam com receio de ficar para trás, porque

o sistema, a competição, permanece o mesmo” (Sarah [pseudónimo], comunicação pessoal, 18 de setembro de 2021).

5. CONCLUSÃO: A SOBREVIDA DA ASPIRAÇÃO

Este artigo analisa por que razão a mobilidade educativa orientada para o Reino Unido persiste, mesmo quando cada vez mais famílias questionam o seu valor. Foram expostas a emergência e a genealogia da involução no contexto chinês contemporâneo, defendendo-se o seu renovado valor analítico no âmbito da antropologia. O artigo demonstrou como a involução opera não apenas como processo social, mas também como efeito infraestrutural: uma condição padronizada produzida através de percursos educativos transnacionais cada vez mais mediados, nos quais é necessário um esforço crescente para assegurar retornos decrescentes. À medida que os imaginários da escolarização precoce no estrangeiro se transformam e que diminui a tolerabilidade moral à separação familiar de longa duração, estas infraestruturas não se dissolvem. Pelo contrário, tornam-se mais densas e complexas, intensificando as pressões sobre aqueles que nelas permanecem investidos. Ao articular a involução social com dinâmicas de saturação infraestrutural, este artigo contribui para os debates antropológicos sobre mobilidade educativa, demonstrando como as infraestruturas de mobilidade reorganizam temporalidades do esforço, reconfiguram obrigações de parentesco e redistribuem a incerteza através de espaços transnacionais.

Com a expansão da classe média e a normalização de percursos educativos de elite antes reservados a um estrato social restrito, as infraestruturas educativas contemporâneas são moldadas tanto por perceções morais e afetivas como por constrangimentos materiais. A tensão central do sistema atual não reside, portanto, apenas na limitação financeira, mas numa forma de fadiga existencial: as soluções logísticas para a escolarização internacional e a mobilidade tendem a multiplicar, em vez de reduzir, o trabalho, a responsabilidade e o desgaste emocional. À medida que os pais externalizam tarefas educativas para consultores, redes de tutela e agências privadas, estes intermediários tornam-se atores infraestruturais que coordenam candidaturas, gerem riscos reputacionais e traduzem a incerteza em estratégia acionável. Neste contexto, o valor simbólico da educação no Reino Unido mantém-se elevado, mas a sua inevitabilidade enfraquece. As trajetórias educativas tornam-se mais curtas e mais estrategicamente segmentadas: as famílias adiam a migração de longa duração para o ensino superior, enquanto a escolarização primária e secundária é cada vez mais realizada na China ou noutros contextos regionais. A mobilidade de curta duração, os programas de verão, as estadias de um semestre e os percursos limitados ao último ciclo do ensino secundário emergem como formas de compromisso que preservam o capital simbólico, reduzindo simultaneamente o custo afetivo.

Em paralelo, a infraestrutura de mobilidade educativa orientada para o Reino Unido tornou-se mais madura e profissionalizada. Emergindo da China pós-reformas e expandindo-se rapidamente a partir da década de 2010, esta infraestrutura é cada vez mais regulada e sustentada por uma indústria de especialistas que promete previsibilidade e resultados bem-sucedidos. No entanto, apresenta agora sinais de fragilidade sistémica. A saturação do mercado, a contração demográfica e a expansão do ensino digital reduziram parte da

substância simbólica e emocional que outrora sustentava a mobilidade. Em muitos casos, a migração passou de tecnologia de transformação a tecnologia de reprodução de classe. Entretanto, a economia moral da aspiração tornou-se cada vez mais orientada para a gestão afetiva, refletida na crescente atenção ao bem-estar psicológico das crianças, à resiliência emocional e à saúde mental. Isto não constitui um mero complemento terapêutico, mas uma reconfiguração mais ampla do que o trabalho educativo deve produzir. As famílias permanecem ligadas a instituições de ensino de elite em língua inglesa como horizontes aspiracionais. No entanto, procuram alternativas que ofereçam resultados globais com menor distância, incluindo escolas internacionais chinesas e destinos regionais como Singapura e Japão, à medida que a proximidade, a segurança e a familiaridade cultural ganham novo valor.

Estes resultados sugerem que as infraestruturas de mobilidade não são redutíveis a cálculos económicos ou mecanismos burocráticos. São sustentadas por imaginários morais, obrigações afetivas, esperança ritualizada e aspirações historicamente sedimentadas. As famílias permanecem investidas não apenas nos resultados, mas também nas narrativas morais que a mobilidade torna disponíveis: responsabilidade, condição cosmopolita da pessoa, obrigação intergeracional e a promessa de um futuro melhor. O caso chinês é distintivo tanto na rapidez como na escala da expansão infraestrutural, produzindo um dos principais fluxos de estudantes internacionais do mundo. No entanto, o seu rápido esgotamento revela também um padrão estrutural mais amplo: os regimes globalizados de aspiração geram infraestruturas simultaneamente autossustentadas e autodesgastantes. O caso China–Reino Unido demonstra, assim, como os percursos de mobilidade podem persistir mesmo quando os seus retornos simbólicos diminuem, sustentados pela crença de que a educação de elite no Reino Unido assegura um futuro melhor, bem como por investimentos emocionais já realizados e pelo receio de ficar para trás.

Em suma, a infraestrutura de mobilidade educativa China–Reino Unido atravessou uma transformação histórica que vai da escassez à saturação, da exceção à expectativa normativa e do prestígio à rotina. Ainda assim, persiste porque as famílias permanecem enredadas nas lógicas afetivas e morais que a sustentam, mesmo quando as garantias de futuro se tornam mais frágeis. Este paradoxo é característico das infraestruturas de mobilidade contemporâneas em geral: estas persistem através da emoção, da obrigação e da continuidade histórica tanto quanto através da vantagem material. É precisamente esta condição de participação continuada apesar da convicção decrescente que permite compreender o esgotamento, a desilusão e a involução que moldam crescentemente a mobilidade educativa chinesa na atualidade.

Pós-edição de Tradução Automática: Anabela Delgado

REFERÊNCIAS

- Anagnost, A. (2008). From ‘class’ to ‘social strata’: Grasping the social totality in reform-era China. *Third World Quarterly*, 29(3), 497–519.
- Bao, X. (2022). *The striving trap: Chinese 996 work culture, online and offline perspectives*. [Dissertação de mestrado, Duke University].

- Bayly, S. (2013). For family, State and nation: achieving cosmopolitan modernity in late-socialist Vietnam. In N. J. Long & H. L. Moore (Eds.), *The social life of achievement* (pp. 158–181). Berghahn Books.
- Berlant, L. (2011). *Cruel optimism*. Duke University Press.
- Boarding Schools' Association. (2021). *Boarding Schools' Association British Council Connexcel survey of Chinese parents*. <https://www.boarding.org.uk/wp-content/uploads/2021/10/Connexcel-Survey-of-Chinese-Parents-final.pdf>
- Chen, W. (2023). Changing fertility patterns in China. *Chinese Journal of Sociology*, 9(4), 497–521. <https://doi.org/10.1177/2057150X231209063>
- Des Forges, A. (2022). Inward turns, then and now. *Journal of Chinese Literature and Culture*, 9(1), 256–272. <https://doi.org/10.1215/23290048-9681241>
- Dong, Z., Yang, T., Jia, X., Cao, Y., & Hou, Y. (2025). Poverty makes me overwork: The influence of subjective socioeconomic status on involution behavior. *Journal of Pacific Rim Psychology*, 19. <https://doi.org/10.1177/1834490925138772>
- Duara, P. (1987). State involution: A study of local finances in North China, 1911–1935. *Comparative Studies in Society and History*, 29(1), 132–161. <https://doi.org/10.1017/S0010417500014389>
- Fan, C. C. (2026). Shrinking China: Policy, social changes, and fertility decline. *Populations*, 2(1), Artigo 3. <https://doi.org/10.3390/populations2010003>
- Fei, M. (2024). Concerted cultivation from afar: Wealthy Chinese families and their children at Swiss international boarding schools. *Swiss Journal of Sociology*, 50(2), 193–208. <https://doi.org/10.26034/cm.sjs.2024.6036>
- Fong, V. (2011). *Paradise redefined: Transnational Chinese students and the quest for flexible citizenship in the developed world*. Stanford University Press.
- Geertz, C. (1963). *Agricultural involution: The processes of ecological change in Indonesia*. University of California Press.
- Goldenweiser, A. (1936). Loose ends of theory on the individual, pattern, and involution in primitive society. In R. H. Lowie (Ed.), *Essays in anthropology: Presented to A. L. Kroeber in celebration of his sixtieth birthday, June 11, 1936* (pp. 99–104). University of California Press.
- Hansen, A. S., & Thøgersen, S. (2015). Chinese transnational students and the global education hierarchy. *Learning and Teaching*, 8(3), 1–12. <https://doi.org/10.3167/latiss.2015.080301>
- Hu, L., Gong, Y., & Zhu, L. (2025). The impact of new digital infrastructure on total factor productivity in the education service industry: Evidence from China. *National Accounting Review*, 7(3), 309–339. <https://doi.org/10.3934/NAR.2025014>
- Huang, P. C. C. (2021). Agricultural involution and bureaucratic involution: Types, concepts, empirical generalizations, and theoretical mechanisms. *Rural China*, 18(2), 169–191. <https://doi.org/10.1163/22136746-12341273>
- Jia, R., Li, H., & Cousineau, C. (2025). *The highest exam: How the Gaokao shapes China*. Belknap Press.
- Ji-Hyun, K. (2019, 27 de fevereiro). *Why was Korean drama 'Sky Castle' such a big hit in China?* Style. <https://www.scmp.com/magazines/style/news-trends/article/2187591/why-was-korean-drama-sky-castle-such-big-hit-china>

- John Locke Institute. (s.d). *Essay competition*. Retirado em 28 de junho de 2026, de <https://www.johnlockeinstitute.com/essay-competition>
- Kuan, T. (2015). *Love's uncertainty: The politics and ethics of child rearing in contemporary China*. University of California Press.
- Lareau, A. (2011). *Unequal childhoods: Class, race, and family life*. University of California Press. (Trabalho original publicado em 2003)
- Liang, Y. (2024). Seeking stability in China's 'involuting generation'. *The Journal for Undergraduate Ethnography*, 14(1), 35–50. <https://doi.org/10.15273/jue.v14i1.12047>
- Lin, L. (2023, 2–3 de junho). *Challenges in knowledge translation: The use and abuse of “involution” on Chinese social media* [Apresentação em conferência]. Central European University Sociology and Social Anthropology Graduate Conference, Vienna, Austria.
- Lindon-Morris, A. (2024). *Overseas students from mainland China in British boarding schools: A children's rights perspective* [Tese de doutoramento, University College London]. UCL Discovery.
- Liu, Y. (2021, 14 de maio). China's “involuting” generation. *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/chinas-involuting-generation>
- Liu, Y. (2026, 20 de janeiro). *Thousands of companies are driving China's AI boom. A government registry tracks them all*. Wired. <https://www.wired.com/story/china-ai-boom-algorithm-registry/>
- National Bureau of Statistics of China. (2026). 中华人民共和国2025年国民经济和社会发展统计公报. https://www.stats.gov.cn/sj/zxfbhjd/202602/t20260228_1962662.html
- Probert, S. (2024). *Revisiting the meaning of an “international education”: Student perceptions of Chinese international schools* [Tese de doutoramento, University of Bath].
- Rosa, H., & Henning, C. (Eds.). (2017). *The good life beyond growth: New perspectives*. Taylor & Francis Group.
- Smith, B. (2015, 6 de maio). *Chinese enrolments soar at UK independent schools*. The PIE News. <https://thepienews.com/chinese-enrolments-soar-uk-independent-schools/>
- Smith, E. (2025, 30 de maio). *UK boarding schools hit by drop in number of international pupils*. BAISIS. <https://www.baisis.org.uk/uk-boarding-schools-hit-by-drop-in-number-of-international-pupils/>
- Sun, W., & Yu, H. (Eds.). (2022). *WeChat and the Chinese diaspora: Digital transnationalism in the era of China's rise*. Routledge.
- Wang, F., & Wang, Y. (2021, 14 de junho). *The buzzwords reflecting the frustration of China's young generation*. BBC News. <https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-china-57328508>
- Wang, Z., Yang, M., Zhang, J., & Chang, J. (2016). Ending an era of population control in China: Was the one-child policy ever needed? *The American Journal of Economics and Sociology*, 75(4), 929–979. <https://doi.org/10.1111/ajes.12160>
- Wei, S. (2011, 17 de março). *Chinese fill UK boarding schools*. Global Times. <https://www.globaltimes.cn/content/568179.shtml>
- Xiang, B., & Lindquist, J. (2014). Migration infrastructure. *International Migration Review*, 48(S1), S122–S148. <https://doi.org/10.1111/imre.12141>

- Xue, E., & Li, J. (2023). What is the value essence of “double reduction” (Shuang Jian) policy in China? A policy narrative perspective. *Educational Philosophy and Theory*, 55(7), 787–796. <https://doi.org/10.1080/00131857.2022.2040481>
- Yan, Y. (2018). Neo-familism and the State in contemporary China. *Urban Anthropology and Studies of Cultural Systems and World Economic Development*, 47(3/4), 181–224.
- Yan, Y. (2020). *The individualization of Chinese society*. Routledge. (Trabalho original publicado em 2009)
- Yan, Y. (2021). *Chinese families upside down: Intergenerational dynamics and neo-familism in the early 21st Century*. Brill.
- Yan, Y. (2023). Familial affections vis-à-vis filial piety: The ethical challenges facing eldercare under neo-familism in contemporary China. *The Journal of Chinese Sociology*, 10, Artigo 5. <https://doi.org/10.1186/s40711-023-00185-6>
- Zhang, B. (2023). The double reduction policy: A counter-effective effort to reduce the pressure on China’s involuted generation. *Communications in Humanities Research*, 7, 78–84. <https://doi.org/10.54254/2753-7064/7/20230800>

NOTA BIOGRÁFICA

Andrea Szinay-Kis é investigadora associada no Departamento de Antropologia Social da Universidade de Sussex. Viveu e trabalhou em Xangai entre 2010 e 2019, e a sua investigação de doutoramento baseou-se em etnografia longitudinal para analisar infraestruturas globais de mobilidade educativa, com particular enfoque no ensino privado de elite e nas famílias chinesas transnacionais que enviam os seus filhos para colégios internos no Reino Unido. Partindo do conceito de “neofamilismo” de Yan Yunxiang, desenvolve a noção de “neofamilismo transnacional” para analisar a forma como valores familiares e processos socioculturais circulam através de fronteiras, bem como as tensões quotidianas entre aspirações individuais e obrigações familiares coletivas intensificadas pela mobilidade transnacional. A sua investigação atual explora processos de involução social e infraestrutural, centrando-se na forma como as famílias interagem com tecnologias digitais de educação em contextos domésticos e como essas interações reconfiguram as relações entre Estado-indivíduo e pais-filhos, práticas de construção de si e regimes morais em competição.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2438-3057>

Email: ak853@sussex.ac.uk

Morada: Department of Social Anthropology, University of Sussex, Falmer, Brighton, BN1 9SJ, United Kingdom

Submetido: 16/02/2026 | Aceite: 07/04/2026



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.